

GT34: Direitos e Patrimônios culturais em tempos extremos

Renata de Sá Gonçalves, Patricia Silva Osorio

O GT Direitos e Patrimônios culturais em tempos extremos é proposto no âmbito das atividades do Comitê de Patrimônios e Museus da ABA e pretende acolher pesquisas etnográficas que tematizem a relação entre patrimônios e direitos em seu cruzamento com os campos cultural, político, histórico e ambiental. Nos últimos anos, a grave crise sanitária que enfrentamos, grandes projetos econômicos, crimes ambientais e a descontinuidade de programas patrimoniais ameaçam patrimônios vitais a diferentes populações marginalizadas. A intenção é a de inserir o "campo do patrimônio" na confluência da reflexão sobre direitos patrimoniais, políticos, históricos e ambientais. O GT objetiva ainda refletir sobre as contribuições e os desafios do fazer Antropologia em tempos extremos.

A Praça é Nativa: uma etnografia sobre a luta dos nativos e nativas de Encantadas pela retomada Praça de Alimentação do Mar de Fora, na Ilha do Mel.

Autoria: RENATA

A Baía de Paranaguá, no litoral do Paraná, guarda em seu interior ilhas, rios, mangues, restingas, gentes, bichos e o porto que carrega seu nome. Na boca da Baía há a Ilha do Mel, território de povos e comunidades tradicionais que se autodenominam nativos e nativas. Essas pessoas, no entanto, pouco foram abordadas nas pesquisas acadêmicas e nos documentos oficiais, que historicamente trataram a Ilha por temas ambientais e turísticos. Não por acaso 95% do território insular é salvaguardado por áreas de conservação que acabaram por impactar os modos dos nativos se relacionarem com o seu território. Gerida desde a década de 80 pelo, hoje, Instituto Água e Terra, a Ilha do Mel tornou-se ao longo dos últimos 30 anos símbolo do conservacionismo paranista. Porém, se nos 70 e 80 sua gestão foi marcada por políticas de salvaguarda da natureza e do patrimônio, nos atuais dias a Ilha é rota dos projetos do governo do Paraná para a exploração turística. Ao sul da Ilha do Mel fica o vilarejo de Encantadas. Segundo estimativas nativas, é o mais populoso da Ilha com cerca de 5 mil pessoas, sendo 1500 nativos e nativas, que por sua vez, situam-se entre as águas calmas do Mar de Dentro e o mar bravo do Atlântico do Mar de Fora. É na Praia do Mar de Fora que ocorre a pesca da tainha e a catação de mariscos e onde os nativos aprendem a mergulhar nos costões para pescar badejos e lagostas. É a praia que nos últimos 10 anos dobrou de tamanho e transformou-se em uma floresta, fruto dos impactos das campanhas de dragagens feitas há 40 anos no leito da Baía de Paranaguá para transformá-la no canal de acesso ao Porto. Dragagens essas que têm deformado os territórios ilhéus e impactado e extinguido a fauna local. É também na Praia do Mar de Fora que fica a Praça de Alimentação, casa das festas da tainha, dos casamentos, da cultura, do teatro e da economia nativa. Contudo, sob argumentos administrativos e ambientais a Praça do Mar de Fora foi interdita em 2018 pelo Poder Público do Paraná. É na busca pela motivação do embargo que os nativos se deparam com os projetos elaborados pelo governo do Paraná para a Ilha do Mel. Diante disso, com o objetivo de participar das decisões de gestão da Ilha, bem como de garantir e afirmar seus direitos, seu território e seus patrimônios, os nativos e nativas de Encantadas organizam-se e constroem o seu Protocolo de Consultas da OIT 169. A Praça de Alimentação torna-se então símbolo da luta dos nativos de Encantadas pelos seus direitos. Isso posto, esse artigo tem como objetivo pensar as relações entre o estado do Paraná e os nativos de Encantadas a partir do conflito vigente pela retomada da Praça de Alimentação do Mar de Fora, patrimônio vital e central aos nativos e nativas de Encantadas, ainda não reconhecido pelo estado do Paraná.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

